



PREFÁCIO

Letícia Lins

Sou só repórter. Mas Ermelinda Ferreira me pede que escreva o prefácio deste livro. Não é fácil. Primeiro porque não sou especialista em crítica nem em teoria literária. Segundo porque todas as vezes que mergulho em cartas, livros e manuscritos do meu pai, ou em textos sobre ele, vêm-me à memória sua imagem, sua fala, os expressivos olhos azuis, as sábias e às vezes irônicas observações, o cartesianismo, o olhar poético e sobretudo a disciplina com o seu ofício. O sentimento de perda aflora logo, porque de repente me vejo mais uma vez privada da sua presença, dos seus telefonemas, das cartas que trocávamos com muita frequência.

Durante longos meses eu retornava do trabalho para minha casa no bairro de Casa Forte com uma sensação de vazio muito grande. Naquela época, longe da frieza do e-mail via computador, uma das minhas alegrias era encontrar cartas suas me esperando sobre a mesa. Condicionada durante muito tempo à presença das correspondências, foi difícil para mim passar a conviver com a ausência delas. A nossa “amizade epistolar”, como ele costumava definir, passava pelas inquietações de uma adolescente despertando para o mundo e as de um homem adulto que lutava contra o tempo diante da certeza que tinha uma obra imensa a construir. Um adulto atento às injustiças, às dificuldades sociais e políticas do país, aos problemas culturais e “inculturais” brasileiros e sobretudo à minuciosa recomposição do seu universo interior. Eu lia as cartas e cada vez aprendia mais. Bebia a sua sabedoria, seguia alguns conselhos, contestava outros. E íamos levando a nossa amizade com nossa discussão ora pessoal, ora familiar e muitas vezes literária. Foi nessas cartas que soube pela primeira vez o que era uma frase palindrômica, que vi de perto a gênese de *Avalovara*, e que descobri que a criação literária consome um homem. Pelo menos era assim que ele se sentia – “consumido, exausto” – ao construir aquele que julgava ser o mais forte dos seus personagens, no livro inacabado e inédito *A cabeça levada em triunfo*. Não sei se pela natureza do personagem que criava ou da doença que já lhe corroía a saúde e o ânimo, mas o fato é ele reclamava que o conteúdo de sua última “cria” era tão forte que estava lhe “arrasando” o corpo e amarrando-lhe as vísceras, deixando-o “sem força nenhuma”. Penso que eram as duas coisas. Também foi lendo as suas cartas que aprendi que a arte jamais deve ser exercida com diletantismo. Um dia, disse a ele que ia pintar para me divertir e viver de escrever como jornalista. Desde criança sempre ameí as cores, os pincéis, as tintas. Cheguei a ganhar alguns prêmios. Mas entre o jornalismo e a pintura optei pelo primeiro e esperava me dedicar à segunda atividade para “me distrair”. Ele me deu uma lição de moral grande sobre a importância da arte e da prioridade da dedicação

exclusiva ao mais nobre de todos os ofícios. E me advertiu que a arte teria, necessariamente, que ser colocada em primeiro plano. Hoje acho até que foi uma atitude radical da parte dele, porque pincel e tinta, como o ato de desabafar através da escrita, fazem bem à alma mesmo quando utilizados com o objetivo de amenizar angústias, revoltas e incertezas. Um objetivo talvez simplificado para um criador como ele, para quem a construção da literatura – palavra por palavra – deveria se sobrepor a qualquer tipo de capricho. Achei que ele tinha razão, abandonei os pincéis e passei a escrever. Felizmente uma coisa compensou a outra, porque sei que sem pintar ou escrever eu não sobreviveria. Mas mesmo sendo uma escriba compulsiva, meu ato de escrever ainda se limita à crônica do cotidiano. Nem por isso poderia deixar de atender à convocação dos autores desse livro comemorativo do transcurso do oitogésimo aniversário de Osman Lins, aos quais agradeço a lembrança e a dedicação. E o faço não só em meu nome como no das minhas irmãs, Litânia e Ângela, diante de todos aqueles que têm se debruçado sobre a obra do meu pai, ajudando não só a mantê-la viva, como também a entender o misterioso e sempre surpreendente universo do escritor, cuja obsessão pela palavra aprendi a admirar desde criança. Quero, também, fazer um registro especial aqui para Ermelinda Ferreira, Lourival Holanda e Lauro de Oliveira, três pessoas incansáveis na busca dos surpreendentes e caleidoscópicos meandros das palavras de Osman Lins, e no incentivo ao estudo de sua obra através do SOL - Sodalício Osman Lins, um grupo que vem lutando pela organização de eventos que tornam cada vez mais viva a sua lembrança. Agradeço, também, aos autores dos trabalhos aqui publicados, jovens em sua maioria, e espero que, sendo também responsáveis pelo renascimento do interesse pela obra do escritor, motivem outros jovens a mergulharem no universo de Osman Lins, um universo sensível, poético e muitas vezes dolorido para mim.

Isso porque muitas passagens de sua literatura relembram cenas do meu cotidiano familiar, como aquelas retratadas no conto “A partida”, na qual o excesso de zelo da avó Joana Carolina parecia sufocá-lo e também revoltá-lo pela ausência da mãe verdadeira. Em “Achados e perdidos” vêm à tona episódios da nossa infância, nas manhãs domingueiras de praia. Do próprio *Avalovara* lembro-me de que certa vez, em Paris, nós andávamos muito porque ele precisava observar com cuidadosa curiosidade os detalhes de mulheres gordas e anônimas que passavam e que iam ajudá-lo na elaboração da personagem então em construção. Quando escrevia *A rainha dos cárceres da Grécia*, foram muitas as vezes que me solicitou que vasculhasse

jornais no Recife colhendo casos de sofrimento da multidão nas quilométricas filas do então INPS.

Tenho certeza de que o livro *Vitral ao sol* – ensaios sobre a obra de Osman Lins contribuirá para dissecar novos aspectos de sua obra, bem como para motivar os leitores a se interessarem pelo seu legado. Aliás, o título vem muito a propósito, pois as luzes, os vitrais e as construções medievais sempre o fascinaram. Lembro-me de que uma vez, na França, viajamos juntos para visitar uma catedral, cujo azul dos vitrais ele queria ver novamente. Tinha realmente um fascínio muito grande por esses fragmentos de cores e luzes, e transferiu essa admiração de uma forma tão acentuada para mim que, ainda hoje, eu me emociono todas as vezes que vejo acesos os imensos jarros de flores de vidro que ladeiam a tela do cinema São Luiz do Recife.

As luzes também lhe despertavam uma atenção toda especial. Muitas vezes corremos trechos do rio Capibaribe de canoa para observarmos, ao final de tarde, a luz do sol poente. Fazíamos isso perto do Parque da Jaqueira, quando ele me chamava atenção para a beleza poética de muitas imagens que, aos olhos de uma pessoa comum, passariam sem brilho e despercebidas. Lembro-me também do brilho dos seus olhos quando abordava o trabalho da criação, quando falava de um livro que estava escrevendo. Algumas vezes previa para mim, com matemática exatidão, o número de páginas que um livro em produção deveria ter depois de concluído.

Planejar a obra como ele planejava, às vezes me intrigava. Mas também me deixava prever o que viria a seguir. Certa vez, ao concluir a leitura de *Nove, novena* - uma leitura para mim arrebatadora – tinha eu então apenas 19 anos, mas não me contive e escrevi a ele uma carta “sugerindo” que escrevesse um livro “meio sem começo nem fim”. Na realidade, estava antecipando uma característica de *Avalovara*, e ele me respondeu: “O romance de que você fala talvez já esteja sendo escrito. O romance não começa onde termina. Mas não deixa de ter alguma relação com sua ideia. Sua base, seu ponto de partida, é a espiral. Vou dar uma explicação sumária. Veja o desenho a seguir.” Desenhou então a frase palindrômica, fazendo a espiral passar por cada letra. E depois me explicou: “Essa frase latina é muito antiga. De qualquer modo que você ler, a frase é a mesma. Chama-se frase palindrômica por isto. No meu plano, cada letra da frase corresponde a um determinado tema. Cada vez que a espiral passa por uma letra, aparece no romance o tema correspondente. Do seguinte modo: dez linhas na primeira vez que a espiral toca a letra, 20 na segunda, 30 na terceira, etc. A coisa é de tal forma planejada que eu sei, começado o romance, quantas página

ele terá: 300. Haverá, naturalmente, uma pequena margem de erro. Mas o número básico de páginas é esse”. A “margem de erro” chegou a umas cem páginas. Mas com a licença do autor: “Assim, o que há de mais importante no livro, em princípio, é esse rigor da construção. Essa harmonia. O resto também tem importância, mas tudo decorrerá desse plano. O que não puder entrar nesse plano não será incluído no romance”.

Uma vez, também em carta, pedi a ele que descrevesse para mim o nascimento de sua visão do fenômeno literário. “Levei anos, quase quarenta, para chegar a ela. Como dizer numa carta?”, reclamava. Também descrevia como aflorou sua sensibilidade que eu tanto admirava e que tanto me ensinava: “Minha sensibilidade é profunda. Não uma sensibilidade de imitação, uma sensibilidade que aparenta sentir o que acha que deve ser sentido. Acontece que essa sensibilidade, a minha, vem sendo exercitada há muitos anos através da inteligência. É, por assim dizer, uma sensibilidade lúcida. Sinto para ver, para melhor exprimir. E quando exprimo, acabo de sentir, apreendo o que devia ter sentido. Tal sensibilidade está no fundo de tudo. Mas há, no fundo dessa cisterna, outras coisas”.

E entre as “outras coisas” ele priorizava algumas na sua formação, no seu jeito sem concessões de ser. Referia-se “à cólera incessante contra a falsidade das relações humanas” e contra a “deterioração” do homem. Também dizia nutrir “um forte desejo de elevação e de verdade”. Uma verdade que teve a língua como ferramenta: “Procuro mergulhar nas fontes de minha língua e obter, trabalhando com ela, o melhor som. Amo a língua portuguesa e não quero fazer com ela maus artefatos”. O livro que aqui introduzo, com certeza, trará novos elementos ao conhecimento desses artefatos, o “presente” que ele nos legou com sua generosidade, depois de tender “a ver, nas coisas, ou melhor, no mundo, na história, um grande presente”. Um imenso presente, que ele dizia ter observado simultaneamente “em vários lugares, em vários tempos, com um número infinito de olhos”. O que desejo é que nossos olhos sejam tão infinitos quanto os vitrais e as luzes de sua obra. Por isso, eu e minhas irmãs, mais uma vez, só temos a agradecer à iniciativa desta publicação.

